

Tríplice epidemia faz da Bahia laboratório para outras regiões

Além do zika, Estado tem alto número de casos de dengue e chikungunya, todos vírus transmitidos pelo *Aedes aegypti*

Para epidemiologistas, situação pode se repetir em outras regiões do país, pois o mosquito circula em todo o Brasil

DA ENVIADA A SALVADOR

A Bahia vive neste ano uma tríplice epidemia de dengue, chikungunya e zika, os três vírus transmitidos pelo mosquito *Aedes aegypti*.

Para epidemiologistas, a situação pode se repetir em outras regiões — já que o mosquito circula em todo o país.

A Secretaria de Estado da Saúde da Bahia tem inovado em tentativas para conter o mosquito. Está testando, por exemplo, uma tinta de parede que funciona como repelente e criando um “Waze” do mosquito, um aplicativo em que os moradores poderão indicar onde há focos do transmissor e se contraíram doenças transmitidas por ele.

“Ninguém mais quer saber de virar lata [que serve de criadouro do mosquito]. Precisamos de tecnologia que envolva a população para dar celeridade ao combate do aedes”, diz o infectologista Roberto Badaró, subsecretário da Saúde da Bahia.

Na área de diagnóstico, o governo desenvolveu um aplicativo para ajudar médicos a diferenciar casos de dengue, chikungunya e zika e também está adquirindo testes rápidos para dengue que podem ser “lidos” pelo smartphone do médico.

Embora a dengue responda por 1,5 milhão de casos no país, com 811 mortes, é a infecção pelo zika que tem feito mais barulho na Bahia pela rapidez com que se alastrou e pelas doenças que vêm sendo associadas a ela.

Desde abril, quando foi registrado pela primeira vez, o zika se espalhou para 284 municípios baianos (68%) e responde hoje por 62.635 casos. Em seguida, vêm a dengue, com 49.592 casos, e o chikungunya, com 19.231.

Entre maio e julho, o zika fez 64 vítimas de uma síndrome paralisante (Guillain-Barré). Uma morreu.

Só o Hospital do Subúrbio, em Salvador, atendeu 40 pessoas que precisaram de inter-

nação, algumas delas na UTI. O volume inesperado causou preocupação na instituição pelo custo do tratamento com imunoglobulina, que chega a R\$ 40 mil por pessoa.

“Houve até quem desconfiasse de que havia um excesso de diagnóstico”, afirma Bruno Bacelar, chefe da neurologia do hospital.

O borracheiro José Oliveira, 56, foi uma das vítimas da síndrome. Ele conta que as pernas paralisaram e que ficou dois meses na cadeira de rodas. Hoje, usa muletas. “Até para ir ao banheiro, dependia da minha mulher.”

Agora, o zika protagoniza uma nova preocupação na família: a microcefalia. A filha de Oliveira, Lavinia, 16, foi infectada pelo vírus e está grávida de 22 semanas.

O subsecretário Badaró disse que o Estado tinha 13 casos confirmados da má formação no cérebro e outros 30 em investigação.

Segundo ele, o governo baiano dará assistência a todas as gestantes e recém-nascidos com microcefalia em hospitais de referência.

Para esses casos, diz, está previsto acompanhamento multidisciplinar das crianças.

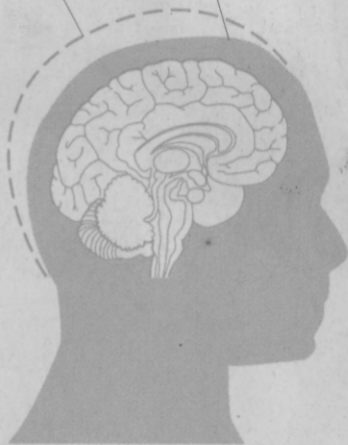
MICROCEFALIA, ZIKA E GRAVIDEZ

Má-formação e doença estão relacionadas

Criança com microcefalia

Circunferência da cabeça menor que **33 cm** em bebês

Tamanho de cabeça sem a doença



Definição

É caracterizada por uma má-formação cerebral, que faz com que o crânio não se desenvolva de forma normal. Não tem cura

Problemas decorrentes

Ataque epilético

Atraso de desenvolvimento



Causas

Tem diversas origens, como drogas consumidas pelas gestantes e agentes biológicos (bactérias, vírus e radiação)



Estou grávida. Como evito pegar zika?

> Use repelente:

Icaridina - é considerado o mais eficaz. Dura de oito a dez horas.

Marcas: Exopis (gel, infantil e extreme)

DEET - É o mais comum. Recomendado a partir dos dois anos de idade. Marcas: OFF, Repelex e Autan, entre outras

> Proteja o corpo, usando calças e blusas de manga comprida

> Combata criadouros do *Aedes aegypti*, evitando acúmulo de água limpa em recipientes não protegidos

> Evite frequentar lugares em que se sabe que há infestação do mosquito